

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

124

INSCRIÇÕES 527-530



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2014

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ESTELA FUNERÁRIA NA HERDADE DA MOITA
(*Conventus Pacensis*)

Em visita aos monumentos megalíticos da zona entre Montemor-o-Novo e Évora, no Inverno de 2012, o grupo de que um dos signatários (J. J.) fazia parte perdeu-se e foi pedir indicações à Herdade da Moita (com acesso pela estrada nacional 370), no trajecto entre a localidade de Nossa Senhora da Graça do Divor e a A6. Nesse local deparámo-nos com uma laje epigrafada incorporada na parede do edifício principal do monte (situado na freguesia de Nossa Senhora da Graça do Divor, concelho de Évora).¹ Cerca de dois anos depois, em Outubro de 2014, voltou-se ao local, tendo em vista a recolha de dados mais pormenorizados.

A lápide é de granito cinzento de grau médio, com micas, quartzo e fenocristais de feldspato, muita pátina e líquenes; há um veio alaranjado deste mineral no terço direito da pedra, que passa sobre o Q e entre o I e o F. Aliás, as ‘incrustações’ avivam, de certo modo, os sulcos das letras. O facto de o pedreiro ter deixado o topo superior arredondado, ainda que só nos apercebamos da argamassa, torna verosímil que se trate de uma estela de topo arredondado, ora oculto, por aí ter, eventualmente, a face muito desgastada; mas também se aceita que haja apenas querido dar-lhe um ar mais estético, e a estela ser de talhe irregular, a exemplo das duas que referimos em FE 402, provenientes do mesmo horizonte cultural.²

¹ A caseira da propriedade recorda-se de a epígrafe se encontrar neste local há várias décadas. Não nos foi possível contactar o proprietário.

² BILOU (Francisco) e ENCARNAÇÃO (José d’), «Lápide funerária da Herdade

Dimensões: 40 x 37 x ?³

[...]LIAE [?] / DOCQ/VIRI · F(*iliae*) / [...] [?]

De ..., filha de Doquiro...

Altura das letras: 9 cm.⁴ Espaços: 1: ?; 2: 3; 3: 5; 4: 8.

Alinhamento à esquerda, por quanto nos é dado perceber. Gravação feita mediante goiva. Caracteres com tendência a monumentais quadrados, mas rudemente gravados, dada a natureza da superfície a epigrafar: O elíptico; Q de perna quase na horizontal e levemente ondulada; V de vértice um tudo-nada arredondado, segundo nos é dado perceber; R aberto.

Na actual l. 1, as letras mais se adivinham pela tonalidade mais escura do que pelo tacto. A primeira letra afigura-se-nos ser L; o I e o A cremo-los claros, podendo haver um E no final. Será a terminação, em genitivo, de antropónimo que começa na linha de cima: *Iuliae?* *Aemiliae?*...⁵ O R de *Docquiri* não se distingue claramente. Na actual l. 4, um traço levemente encurvado sugere C – e teríamos, nesse caso, a fórmula F(*aciendum*) C(*uravit*); também poderia ser apenas H(*ic*) S(*ita*), na medida em que a densidade dos líquenes era passível de ocultar o H; é mais natural, porém, que não haja fórmula final.

A identificação da defunta em genitivo não é fora do comum em estelas de primórdios do século I da nossa era, datação que lhe atribuímos não apenas pela paleografia mas sobretudo pela identificação à maneira indígena, sendo porventura o nome da defunta latino enquanto o nome do pai – *Docquirus* – se inclui na antroponímia claramente lusitana: o *Atlas* ⁶ regista 20 testemunhos

da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros, Évora (*Conventus Pacensis*)», *Ficheiro Epigráfico* 88 2009, inscrição nº 402. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/12240>

³ Espessura indeterminada, porque a pedra está à face da parede do edifício.

⁴ Esta é a medida média, porque a irregularidade do talhe provocou variações entre letras da mesma linha.

⁵ Na epígrafe da Torre da Coelheira, a defunta vem grafada assim: *Tongetae Pittinae f(iliae)* e é este, aliás, o texto completo; na outra estela que nesse estudo se menciona (IRCP 403), recorda-se *Mailo Caenonis f(ilius)*.

⁶ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁBADA (José Luís) [coord.], *Atlas Antropo-*

(com a grafia *Docquirus* ou sem o C); Vallejo Ruiz não hesita: é «nombre típico lusitano com pocos ejemplos fuera».⁷

Esta epígrafe vem confirmar o que já se escrevera, a propósito da referida lápide funerária da Herdade da Torre do Lobo:

«Enquanto no perímetro urbano da cidade [de Évora] a epigrafia obedece a cânones importados, nomeadamente no que à tipologia dos monumentos diz respeito, e a onomástica é latina, nos arredores da cidade persistiu uma cultura autóctone que pouco a pouco se deixou influenciar».

Também esta estela da Herdade da Moita é «notável exemplo» desse «estádio de aculturação».

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOÃO PEDRO JOAQUIM



528

nímico de la Lusitania Romana, Mérida – Bordéus, 2003, p. 161, mapa 113.

⁷ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 303. Ver *ibidem*, *passim* (índice, p. 765), mas de modo especial as p. 301-303, com mapa de localização.

Ficheiro Epigráfico, 124 [2014]